

OUTRAS OPINIÕES

SEXTA-FEIRA, 16 DE JANEIRO DE 2004 A11

JORNAL DO BRASIL

Uvas azedas ou amargas

P. A. 11

A reunião da Cúpula das Américas deixou um saldo insosso. Tanto falaram em fugir da retórica latina que os americanos aderiram a ela. Esse formato nasceu há 15 anos, quando foi fundado, em Acapulco, o Grupo dos Oito, através do qual os principais países da América do Sul e o México se dispuseram a construir uma cúpula para acertar uma política presidencial conjunta, face a problemas como a Nicarágua vir a ser uma nova Cuba.

Nesse quadro surge a idéia da Alca. Não há como esconder que é ela que está na base de tudo e para ela ser vendida criou-se esse pirotécnico cenário. O bonde está andando.

Sei bem das conseqüências e implicações que envolvem o projeto. Para os americanos é uma antecipação do futuro e a ocupação do mercado dos outros. Vem dos ingleses essa política colonial de abertura de mercados



JOSÉ SARNEY

PRESIDENTE DO SENADO

para dominar, herdada pelos americanos quando o império britânico soçobrou. É a tal política da gaiola. O passarinho fica solto, pode cantar e pular, mas a gaiola tem dono.

Em Monterrey, o presidente Bush declarou: “Espero que aqueles que expressaram alguma oposição à Alca olhem os fatos, e os fatos são que o Nafta (a Alca de México, Canadá e EUA) melhorou a vida das pessoas e acabou (!) com a pobreza em partes de nossa vizinhança (México)”. Quero contestar Bush com palavras insuspeitas do *The New York Times*, que assim se referiu aos 10 anos do acordo: “O

Nafta reforçou o México para promover o crescimento das empresas americanas, porém não fez do próprio país uma economia produtiva e independente”.

Estrada Gallegos, diretor do Centro de Estudos Regionais Mexicanos, num trabalho sobre o Nafta, nos diz que ele é justamente um “contra-exemplo paradigmático”. Ele afirma que o “caso mexicano é um espelho quebrado”. Lembra que o México, sob o Nafta, tem renda per capita abaixo de países como Costa Rica e Chile. Cresceu a maquiagem industrial, toda ela com mão-de-obra barata e paraíso das multinacionais. Mesmo assim, a concorrência chinesa ameaça.

A vantagem do México, depois do Nafta, em relação à América Latina, foi um crescimento de 1%, inferior ao que teve entre 1948 e 1973, de 3,2%. Em contraste, mesmo com a crise asiática, sem Nafta, a Coréia cresceu 4,3% e a China, 7%. A vantagem foi dos

norte-americanos: nos 10 anos de Nafta, cresceram seu poder de compra em 10% e os mexicanos, miseráveis 0,2%. Belo exemplo para a Alca! Esses números são do trabalho de Gallegos.

As barreiras alfandegárias americanas destroçaram a agricultura mexicana, e barraram com taxações o sorgo, tomates, feijão e outras commodities.

Houve – segundo Stiglitz, no *The New York Times* – um desequilíbrio descomunal da frágil economia mexicana em concorrência com a americana.

Não sei onde o presidente Bush foi buscar o exemplo Nafta para dizer que ele acabou com a pobreza mexicana. Os jornais mexicanos dizem o contrário: os tratados de livre comércio são “uvas amargas”. Eu prefiro chamá-las de azedas. E uva azeda não é fruta para o Brasil correr atrás.

O senador José Sarney (PMDB-AP) escreve nesta página às sextas-feiras